



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

JOSILENE RODRIGUES FERNANDES

**A PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA E A
QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL**

**CAMPINA GRANDE – PB
Outubro/2016**

JOSILENE RODRIGUES FERNANDES

**A PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA E A
QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Margareth Maria de Melo.

Campina Grande

Outubro/2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

F363p Fernandes, Josilene Rodrigues
A prática de ensino de história e a questão étnico-racial
[manuscrito] / Josilene Rodrigues Fernandes. - 2016.
54 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Margareth Maria de Melo,
Departamento de Pedagogia".

1. Ensino de História 2. Prática pedagógica 3. Identidade
negra 4. Livro didático I. Título.

21. ed. CDD 372.89

JOSILENE RODRIGUES FERNANDES

A PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA E A QUESTÃO ÉTNICO-RACIAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado na Universidade estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduação em Pedagogia.

Aprovado em: / / 2016.

BANCA EXAMINADORA

Margareth M. de Melo
Prof. Dra. Margareth Maria de melo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Patrícia Cristina de Aragão Araújo
Prof. Dr. Patrícia Cristina de Aragão Araújo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria José Guerra
Prof. Dra. Maria José Guerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

“É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes de si, quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimento, nem conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.”

Paulo Freire

Mais que especial, eu dedico essa conquista e as demais de minha vida, a meu pai (in memória).
Estará sempre em meus pensamentos e em meu coração.

Agradecimentos

“Eu gostaria de lhe agradecer pelas inúmeras vezes que você me enxergou melhor do que eu sou. Pela sua capacidade de me olhar devagar, já que nessa vida muita gente me olhou depressa demais” (Padre Fábio de Melo).

Agradeço ao meu bom Deus, pois sem Ele nada somos, por me dá forças para ter continuado na luta da vida acadêmica, pois foram muitas as vezes que pensei em desistir.

Aos meus amados pais, Eduardo F. Fernandes (in memória) e Luzia Rodrigues que sempre me incentivaram nos estudos, me apoiando em tudo, haja vista que eles não tiveram as mesmas oportunidades que tive para estar estudando. Vocês são meus exemplos! A você, mãe, por todas as preocupações, pela espera em chegar em casa tarde da noite e, também Josicleide, minha irmã, pelo apoio. Obrigada pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Aos meus familiares que deram palavras de apoio e carinho.

A minha grande amiga de infância, Jane Cleide, que apesar de termos seguidos caminhos diferentes, sempre soube da sua torcida por mim. E aqui também é minha retribuição pela sua amizade. Aos amigos que sempre demonstraram carinho e apoio nos meus estudos, às novas amizades conquistadas através da vida acadêmica que sei que posso contar sempre (Marly e Valkiria) e hoje as considero como irmãs. E não podendo deixar de falar de uma pessoa muito especial, Inaldete, a qual me chamou para participar do grupo de estudo onde pude me aproximar e conhecer sobre a temática do negro. Sem você este trabalho não teria acontecido.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

À minha orientadora Margareth Maria de Melo, a qual tenho uma grande admiração e que me fez despertar sobre a temática.

Aos colegas do grupo de pesquisa Dialogando com a Diversidade Étnico-racial por compartilhar experiências, através dos debates.

À banca, Profa. Patrícia Aragão e Profa. Maria José Guerra pela disponibilidade ao meu convite, pelos ensinamentos através da academia.

A todos os meus professores, da educação infantil ao ensino superior, vocês foram fundamentais para a construção do que hoje sou.

A todos, o meu muito Obrigada!

RESUMO

Este texto é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica sobre a prática docente, o livro didático e a questão afro-brasileira. Este estudo tem por objetivo identificar e analisar quais conteúdos relacionados à temática afro-brasileira e africana estão sendo abordados e como são desenvolvidos na prática pedagógica da professora e dos discentes de uma escola pública. O livro didático, que é um dos meios mais utilizados pela professora em sala de aula, é um material que deve ser analisado, tanto os conteúdos presentes no livro como o uso que é feito na prática do professor. A questão afro-brasileira é um desafio no cotidiano escolar, pois envolve várias ideias de construção de identidades, conhecimento da história e cultura negra a partir do olhar do negro. Para isso, nos embasamos em autores como: Albuquerque e Fraga Filho (2006), Souza (2013), Silva (2014), Werneck (1992), entre outros. Buscamos também, suporte teórico nos documentos oficiais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) volumes 8 e 10, na lei 10.639/2003, e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. A pesquisa do referido trabalho é de natureza qualitativa. A metodologia do referido trabalho é de natureza qualitativa e a pesquisa nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2002). Para coleta de dados foi adotado a observação, entrevistas e conversas informais com a professora e alunos/as acerca da temática africana e afro-brasileira. Com base na análise dos conteúdos das entrevistas encontramos alguns pontos que foram mais enfatizados e categorizamos como: a prática docente e o ensino de história, além da identidade negra. Os resultados apontaram para os equívocos da “transmissão” da história nos anos iniciais, que não é vista de forma positiva entre os alunos porque é abordada como uma disciplina que abarca muitas informações que os alunos não conseguem compreender. Por outro lado, o livro didático da coleção Aprender Juntos, apresenta alguns conteúdos sobre o negro, entretanto, poderia oferecer mais meios em que o aluno reflita e questione, permitindo assim, uma maior discussão do tema. Cabe ao docente criar as condições necessárias para o diálogo com seus alunos, inclusive abrindo espaço para a questão da identidade negra de forma que as pessoas, em especial, os alunos, superem a negação e aprendam o valor de ser negro.

Palavras-chave: Ensino de História, Prática pedagógica, Identidade Negra.

ABSTRACT

This text is the result of a scientific initiation research on teaching practice, the textbook and the african-Brazilian question. This study aims to identify and analyze what content related to african-Brazilian, African themes addressed, and how they developed in the pedagogical practice of teacher and public school students. The textbook, which is one of the means most used by the teacher in the classroom, is a material that must analyzed, both the content present in the book as the use that made in teacher practice. The african-Brazilian question is a challenge in everyday school life because it involves multiple identities building ideas, knowledge of history and black culture from the look of black. For this, the embasamos in authors as Albuquerque and Fraga Filho (2006), Souza (2013), Silva (2014), Werneck (1992), among others. We seek also theoretical support in the official documents of the National Curriculum Parameters (PCN) volumes 8:10 in Law 10.639 / 2003, and the National Curriculum Guidelines for the Education of Étnicorraciais Relations and the Teaching of Afro-Brazilian and African. The research of that work is qualitative. The methodology of such work is qualitative and research in / from / with daily (ALVES, 2002). For data collection was adopted observation, interviews and informal conversations with the teacher and students / as on the African theme and african-Brazilian. Based on analysis of interviews of the contents we found some points that were emphasized more and categorized as: teaching practice and the teaching of history, in addition to black identity. The results pointed to the mistakes of the "transmission" of history in the early years, which is not seen positively among students because it is approached as a discipline that covers a lot of information that students cannot understand. On the other hand, the textbook collection Learning Together presents some content on the black, however, could offer more ways in which students reflect on and question, thus allowing a larger discussion of the topic. It is for the teacher to create the necessary conditions for dialogue with their students, including making room for the question of black identity so that people, especially students, to overcome denial and learn the value of being black.

Keywords: History teaching, teaching practice, Black Identity

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. METODOLOGIA.....	9
2.1 Contextualização da Escola e da Turma.....	12
3. O ENSINO DE HISTÓRIA E A TEMÁTICA AFRO-BRASILEIRA	14
4. OS CONTEÚDOS SOBRE O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 4º ANO	20
5. A PRÁTICA DOCENTE, O ENSINO DE HISTÓRIA E A IDENTIDADE NEGRA NO COTIDIANO ESCOLAR.....	33
5.1- A Prática Docente e o Ensino de História	38
5.2 Identidade Negra no Cotidiano Escolar.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICES	50
I. FORMULÁRIO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA.....	50
II. FORMULÁRIO DE ENTREVISTA COM ALUNO	51
ANEXOS	52
Corredores da escola.....	52
Sala de aula.....	53
Atividades realizadas pelos alunos (expostas na parede)	53

1. INTRODUÇÃO

O referido trabalho é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica (IC) PIBIC/CNPq¹, o qual estuda a prática docente no ensino de história, o uso do livro didático e como a história do povo negro é tratada no cotidiano escolar, em atendimento a Lei 10.639/03. Esta lei alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), lei 9.394/96, tornando obrigatório o estudo da temática afro-brasileira e africana no currículo da educação básica.

Na pesquisa de IC da cota de 2013-2014 se analisou três coleções de livros didáticos mais adotados nas escolas públicas de Campina Grande, vale ressaltar que os resultados apontaram o quanto os livros didáticos ainda apresentam estereótipos sobre a temática africana e afro-brasileira e os conteúdos são tratados de forma superficial. Daí a importância da pesquisa de campo, pois é preciso saber se a docente identifica os limites do livro didático e como ela trabalha a temática em sala de aula.

A pesquisa dos/nos/com os cotidianos foi desenvolvida numa escola municipal, de Campina Grande é qualitativa e envolve alunos/as e professora de uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental. A escolha da escola tomou por critério o uso do livro didático de história do 4º ano do Ensino Fundamental da Coleção Aprender Juntos (2013), haja vista que o mesmo foi o melhor livro, em relação aos conteúdos analisados das três coleções.

Sendo assim, o objetivo geral foi analisar como a professora e alunos/as tratam a temática africana e afro-brasileira a partir do livro didático de história do 4º ano do Ensino Fundamental, utilizado em uma escola da rede municipal de Campina Grande. E os objetivos específicos foram: identificar como a professora trabalha a temática africana e afro-brasileira no cotidiano escolar; verificar se a professora da escola escolhida está coerente com as diretrizes oficiais sobre a temática afro-brasileira; avaliar como a imagem do negro e da negra é discutida em sala de aula pela professora, por fim, relacionar como o conteúdo sobre a questão negra provoca professora e alunos/as no cotidiano da sala de aula a discutir ou não sobre o racismo.

O ensino de história não deve ser trabalhado apenas com datas e fatos marcados no calendário. Faz parte também, as vivências, as experiências, onde os alunos pesquisam, comparam, questionam.

O referido trabalho surgiu a partir de minha experiência no grupo de estudo *Dialogando com a Diversidade Étnico-racial*², em decorrência de um convite realizado por

¹ Cota 2014-2015 com o título: A Prática Docente, o Livro Didático e a História do Povo Negro.

² Grupo coordenado pela professora Margareth Maria de Melo

uma colega que já fazia parte do grupo. Vejo a temática como sendo muito interessante, haja vista que as discussões no grupo se dão acerca da temática da história e cultura do povo negro, no livro didático e no ensino de história. Os assuntos em questão foram debatidos no grupo, para logo em seguida, dar início a pesquisa de campo. As discussões em meio ao grupo foram de extrema importância, pois fez com que eu me aproximasse mais dos temas, visto que muitos assuntos ainda eram novos para mim, pois o ensino de história que tive no Ensino Fundamental e Médio não foi muito proveitoso.

Na sequência, apresento a metodologia trabalhada e o contexto da escola pesquisada, a seguir é mostrado o ensino de história e a temática afro-brasileira. No ponto seguinte, é dado ênfase sobre os conteúdos que envolvem o negro no livro didático de história do 4º ano. Por fim, é abordado sobre a prática docente e a identidade negra no cotidiano escolar.

2.METODOLOGIA

A metodologia do referido trabalho é de natureza qualitativa e a pesquisa nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2002). Inicialmente, foi desenvolvido estudos sobre diversas temáticas relacionadas com a pesquisa e a questão do negro.

As conversas no grupo de estudo giraram em torno de como é a pesquisa nos/dos/com os cotidianos (ALVES, 2008), do modo como iríamos adentrar em campo e também os conteúdos sobre a História da África, Tráfico, Escravidão e a questão étnico-racial nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Estudo da História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Para isso, também, foi necessário estudar os trabalhos resultados da pesquisa da cota 2013-2014, que geraram três Trabalhos de Conclusão de Curso, para tomarmos conhecimentos dos conteúdos presentes, no livro didático de história.

Em seguida, fui para a escola a qual trabalhava com o livro didático do 4º ano da Coleção Aprender Juntos. Segundo resultados da pesquisa da cota 2013-2014 essa coleção foi vista como sendo a melhor, pois apresentava os conteúdos de forma que favorecia que os alunos pensassem criticamente, dialogassem entre si, os questionamentos sempre estavam presentes logo após os textos, imagens e nas atividades propostas.

A princípio, procurei conhecer o ambiente escolar, aonde seria realizada as observações na sala de aula e os sujeitos ali envolvidos, professores, alunos, funcionários, etc. Visitei a escola e conversei com a gestora que me acolheu muito bem. A professora do 4º ano não se encontrava na escola. Encontrei algumas dificuldades para iniciar a pesquisa, pois nas primeiras idas à escola não havia acertado o dia da aula de história, e depois, nas outras vezes a professora havia faltado por motivos de saúde. Isso acabou dificultando o acesso às aulas. E como já era final de ano, de período letivo, voltei no início de 2015, especificamente, no mês de março. Ao iniciar as aulas do ano letivo, fui à primeira semana de aula, no período matutino, mas só estava presente o vigia da escola o qual informou que as aulas só estavam sendo realizadas no período da tarde.

Em outro dia, fui até a escola e encontrei a professora em sala de aula. Como nossa pesquisa trata da história e cultura africana e afro-brasileira, procurei saber quando era a aula de história e se poderia assistir. Ela se colocou aberta para me acolher e agendei um horário de frequência das aulas de forma que pudesse acompanhar o trabalho da mesma.

A seguir, realizei as observações dos aspectos referentes à infraestrutura da escola, coletei dados sobre o corpo docente e discente, equipe técnica-administrativa e pessoal de apoio da escola.

A escola se localiza na periferia da cidade, no bairro do Cruzeiro. Oferece dependência adequada de funcionamento, quadro de professores qualificado, quadro de técnicos administrativo e pessoal de apoio. A escola possui cinco salas, e atua nos turnos da manhã e tarde (quando iniciamos a pesquisa a escola tinha turma no período da manhã e da tarde; logo

no outro ano da pesquisa (2015) mudaram-se os turnos, agora funcionando no turno, tarde e à noite com a EJA (Educação de Jovens e Adultos)).

As observações fizeram com que houvesse uma maior proximidade com a realidade escolar, despertaram o olhar de pesquisador em tudo o que acontecia tanto na sala de aula quanto fora da mesma. Alves (2002) fala que é necessário

Buscar entender, de maneira diferente do aprendizado, as atividades do cotidiano escolar ou do cotidiano comum, exige que esteja disposta a ver além daquilo que os outros já viram e muito mais: que seja capaz de mergulhar inteiramente em uma determinada realidade buscando referências de sons, sendo capaz de engolir sentindo a variedade de gostos, caminhar tocando coisas e pessoas e me deixando tocar por elas, cheirando os odores que a realidade coloca a cada ponto do caminho diário (ALVES, 2002, p. 17).

Perante isso, o pesquisador deve adentrar no seu ambiente de pesquisa com o desejo de descobrir coisas novas, olhar detalhadamente tudo que se passa no ambiente escolar e ao redor dele. Qual a relação professor-aluno, aluno-professor? Como se dá a relação aluno-funcionário e vice-versa? Lançando esse olhar minucioso, segundo a autora, o pesquisador mergulha na realidade, descobrindo cada forma como o aluno, o professor ou funcionário se comporta dentro da escola.

Ainda recorrendo a Alves (2002), ela diz que

É preciso entender, assim, que o trabalho a desenvolver exigirá o estabelecimento de múltiplas redes de relações: entre eu e os problemas específicos que quero enfrentar; entre eu e os sujeitos dos contextos cotidianos referenciados, entre eu, esses sujeitos e outros sujeitos com os quais constroem espaços/tempo cotidianos (ALVES, 2002, p. 21-22).

Dessa maneira, como afirma Alves (2002), ao iniciar a pesquisa se deve saber que tem que tomar conhecimento de tudo que ocorre no interior da escola diariamente. Infelizmente, por questões de morar em outro município não pude estar mais tempo dentro da escola, no entanto, procurei aproveitar o máximo possível o período que pude ficar na mesma. O período das observações se deu de março a junho de 2015, embora houvesse planejado para acontecer no ano anterior (2014), entre os meses de outubro e novembro, em um dia da semana que trabalhasse a disciplina de história, porém, não consegui fazer nenhuma observação das aulas de história, por motivos já citados anteriormente.

Depois de um período de observação, diversos questionamentos se apresentaram e através de entrevista gravada (ver apêndice), buscamos conversar com a professora e alguns

alunos/as. Para tanto, foi pedido à turma que se apresentassem de forma aleatória. Sendo assim, quatro meninas e um menino se prontificaram para realizar a entrevista.

2.1 Contextualização da Escola e da Turma

A escola X localiza-se num bairro da periferia de Campina Grande-PB, onde a situação socioeconômica das famílias dos alunos é em sua maioria de baixo poder aquisitivo. Os alunos que frequentam a escola moram em torno da mesma. Possui um número pequeno de alunos e funciona apenas no turno vespertino. Logo quando visitei a escola, em outubro de 2014, fui com o intuito de tomar conhecimento do espaço escolar e dos sujeitos ali envolvidos (alunos, professores, funcionários), lá só pude observar aparentemente a estrutura da escola, de modo que esta é pequena, em relação às poucas turmas, mas uma área de terreno até amplo que ainda poderia ser construído mais salas, pois, as turmas funcionavam apenas no período da manhã.

Quando retomamos as observações, em março de 2015, a mudança de turno havia acontecido. Agora a escola oferece turmas no turno da tarde e noite. Fui bem acolhida pela diretora e algumas professoras das outras turmas. Quando conheci a professora onde eu ia observar suas aulas, esta demonstrou aparentemente ser um pouco “fechada”, não dialogando muito.

A sala de aula é espaçosa. A mobília é antiga (cadeiras, armários), algumas cadeiras quebradas ficam no recanto da sala, podendo essas ser retiradas da sala de aula, já que não são mais utilizadas. Existem ainda dois armários para colocar o material do professor, um perto do birô da professora e o outro no final da sala.

Quanto à professora, ela é uma senhora casada, com formação de nível médio (magistério), que mora no mesmo bairro da escola, tem 27 anos de profissão, e deseja se aposentar logo, apesar de já ter tempo suficiente, ela ainda permanece em exercício por um motivo pessoal. Aparentemente e segundo ela mesma, se sente desmotivada, sem vontade mais de estar em exercício. “Não tenho mais ânimo para ensinar, continuo ensinando apenas porque preciso pagar umas dívidas” (Professora, 2015). O que um professor sem motivação para ensinar pode transmitir para os alunos?

A turma escolhida foi o 4º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Os alunos, no total são doze, com faixa etária entre nove e onze anos. Ao perguntar por que as turmas possuíam um pequeno número de alunos, a professora disse que antigamente já pegou uma

turma com 48-50 alunos e, hoje em dia, só tem turmas com pouquíssimos alunos, mas nem todos frequentam diariamente, em alguns dias que a observação ocorreu só estavam presentes na sala oito alunos. Porque o número de alunos reduziu? Que problemas a escola enfrenta para que o número de alunos venha a ser mínimo? Será a metodologia dos professores?

As meninas aparentam ser mais comprometidas com as atividades. Os meninos parecem ser mais preguiçosos para fazer as tarefas e são os que dão mais trabalho, são chamados mais a atenção em sala de aula, há muitas conversas paralelas. Há um aluno que chama muito a atenção, sempre está distraído os demais, meche com o outro, é só a professora baixar a visão que, o mesmo já se vira pra um lado e outro buscando o que é mais atrativo a seu ver.

Alguns alunos apresentam dificuldades na leitura, leem sem pontuação ou soletrando e quando fazem uma atividade, já querem a resposta pronta. Quando um aluno está fazendo a leitura, a maioria não acompanha. Durante as observações sempre os meninos eram chamados à atenção, pois as conversas eram bastante presente entre eles, o que acabava que muitos não faziam as atividades por completo.

Os alunos também demonstram uma desmotivação, embora nas aulas de Educação Física eles costumem ter mais atenção, até pela forma do professor conduzir e explicar os conteúdos, não tornando a aula cansativa. Qual a metodologia para melhorar as aulas, tornando-a mais prazerosa?

3.O ENSINO DE HISTÓRIA E A TEMÁTICA AFRO-BRASILEIRA

O PCN (BRASIL, 1998) nos diz, sobre o ensino de história, que:

“É caracterizado por dois momentos. O primeiro, que teve início no século XIX com a introdução da área no currículo escolar, embora essa história baseou-se numa matriz europeia e em pressupostos eurocêntricos; o segundo momento ocorreu a partir das décadas de 30 e 40 deste mesmo século, por uma política nacionalista e desenvolvimentista” (BRASIL, 1998, p.19).

A história era uma disciplina que tratava apenas de assuntos civis e morais. Ainda recorrendo ao PCN (1998), o mesmo mostra que, no ano de 1837, a história como área escolar obrigatória surgiu com um programa inspirado no modelo francês, foi incluída no currículo ao lado de línguas modernas, ciências naturais, física e matemática, além de um espaço com a história sagrada que tinha o mesmo estatuto de historicidade da História Universal e Civil que era voltada para a formação moral do aluno. Os conteúdos voltavam-se para os grandes eventos como o da Independência do país e da Constituição Nacional que era responsável pela condução dos destinos da nação. De acordo com Souza (2013):

“No período da ditadura militar 1964-1985, os conteúdos a serem trabalhados nas escolas eram sempre prescritos pelo o governo e a população vivia com repressões, sentindo que na Educação não havia abertura para discussões acerca da temática, quem fosse contra o governo sofria castigos e podia até ser exilado” (SOUZA, 2013, p.15).

Assim, o ensino da história que até então era um ensino pautado em questões tradicionais, passa também a ser controlado. A história era ensinada como um conhecimento pronto e definido, como uma verdade absoluta.

Após a democratização do país, a história ensinada nas séries iniciais tem passado por várias mudanças, uma delas foi à desvinculação da geografia. Para Silva (2014):

“Tais reformulações curriculares provocaram que o ensino de história passasse a ser mais dinâmico, crítico, democrático, abrindo espaço para os múltiplos diálogos presentes em sala de aula, para atender os diversos grupos étnicos constituintes de nossa sociedade, considerando-os como sujeitos construtores de história” (SILVA, 2014, p.27).

Diante disso, passamos a compreender que a disciplina de história é uma das mais importantes para a formação do cidadão, pois é através dela que compreendemos nosso sentido em meio à sociedade, nosso papel como cidadão. O PCN de Pluralidade Cultural nos mostra que:

“Cabe à escola buscar construir relações de confiança para que a criança possa perceber-se e viver, antes de mais nada, como ser em formação, e para que a manifestação de características culturais que partilhe com seu grupo de origem possa ser trabalhada como parte de suas circunstâncias de vida, que não seja impeditiva do desenvolvimento de suas potencialidades pessoais” (BRASIL, 2001, p.52).

Cada pessoa traz seu conhecimento de mundo que deve ser compartilhado com os demais, às opiniões devem ser expostas e respeitadas, as culturas devem ser respeitadas, o modo de ser de cada um.

O ensino de História não é dos mais fáceis, isto porque, muitas vezes é ensinado de forma equivocada aos alunos, em que as datas, os fatos acontecidos são transmitidos de modo que o aluno apenas decore, ou seja, aprendem em determinado tempo e logo depois já esquecem. E muitas vezes os alunos são obrigados a transcrever do quadro textos enormes em seus cadernos e não são questionados.

Segundo Silva (2010), o ensino tradicional de história está ligado aos fatos, ou seja, em uma história que se limita apenas a transmissão de datas e acontecimentos de uma determinada época, pois é assim que o professor transmite os conteúdos, desde que a história se tornou uma disciplina na Educação Básica. Em seguida, vêm à memorização, os alunos são obrigados a memorizar/decorar os conteúdos em sala de aula e, por fim, a reprodução como uma verdade absoluta que não pode ser questionada. Uma transmissão e reprodução do saber histórico, um saber sistematizado, conhecimento pronto.

Atualmente tem-se estudado e discutido bastante sobre o ensino tradicional de história, ou seja, a metodologia adotada por professores para transmitir informações. É necessário que o educador entenda o motivo pelo qual a história faz parte do currículo escolar, para isso os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – de história norteiam sobre como a história tornou-se uma disciplina.

Como nos mostra os PCN, a História do Brasil, durante muito tempo, foi transmitida pelo olhar das elites. Os estudos recentes vêm modificando essa visão. Estudar história é passar a conhecer a origem dos povos que contribuíram para o desenvolvimento de nosso país. O PCN de História (1998):

“No debate educacional na década de 30, tornou-se vitoriosa a tese da democracia racial expressa em programas e livros didáticos de ensino de História. Por esta tese, na constituição do povo brasileiro predominavam a miscigenação e a total ausência de preconceitos raciais e étnicos. O povo brasileiro era estudado como descendente de brancos portugueses, índios e negros, e, a partir dessa tríade, de mestiços. Nessa perspectiva, todos

conviviam harmonicamente em uma sociedade multirracial e caracterizada pela ausência de conflitos. Cada etnia colaborava, com seu heroísmo ou com seu trabalho, para a grandeza e riqueza do país” (BRASIL, 1998, p.22).

Compreender que o outro tem sua importância, que somos seres em transformação e aprendemos muito com o outro, de modo que há troca de conhecimentos, compartilhamentos de ideias. O PCN (1998), falando sobre as diferenças relata que:

“Hoje em dia, a percepção do “outro” e do “nós” está relacionada à possibilidade de identificação das diferenças e, simultaneamente, das semelhanças. A sociedade atual solicita que se enfrente a heterogeneidade e que se distinga as particularidades dos grupos e das culturas, seus valores, interesses e identidades. Ao mesmo tempo, ela demanda que o reconhecimento das diferenças não fundamente relações de dominação, submissão, preconceito ou desigualdade” (BRASIL, 1998, p.35).

Reconhecer e respeitar as particularidades de cada um, sem menosprezar ninguém é uma exigência para o convívio social numa perspectiva de pluralidade. Sendo assim, é necessário combater práticas preconceituosas, principalmente com relação às etnias, reconhecer o quanto o povo negro influenciou e influencia para o crescimento da nossa população. Com a finalidade de combater preconceitos e discriminações foram sendo criados grupos que passaram a estudar e denunciar todas as formas de racismo, a fim de abolir qualquer forma de negação entre os povos, principalmente entre os negros.

Com a lei 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), lei nº 9.394/96, a história e cultura afro-brasileira e africana passaram a ser conteúdos obrigatórios no currículo escolar da Educação Básica. Esse preceito nasceu de lutas dos movimentos sociais, em especial, dos movimentos negros, no qual lutaram por uma sociedade justa e igualitária para todos.

O negro passou a ser visto com outros olhos, pois antes não eram notados de forma positiva, eram somente retratados através da escravidão, mas ainda há muito que melhorar, pois na nossa sociedade ainda se repercutem práticas preconceituosas referentes ao povo negro. O negro em muitos momentos ainda é tratado com indiferença, como um ser inferior, determinando a cor da pele como uma característica negativa.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (BRASIL, 2004), em seu parecer, nos mostram que se devem criar, na área da educação, políticas de reparações e de ações afirmativas para que haja valorização, reconhecimento da população afrodescendente, a

fim de que se tenha uma nação democrática, em que todos tenham seus direitos garantidos e que as identidades sejam valorizadas. As Diretrizes (BRASIL, 2004) deixam claro que:

“Reconhecer exige a valorização e respeito às pessoas negras, à sua descendência africana, sua cultura e história. Significa buscar, compreender seus valores e lutas, ser sensível ao sofrimento causado por tantas formas de desqualificação: apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto sugerindo incapacidade, ridicularizando seus traços físicos, a textura de seus cabelos, fazendo pouco das religiões de raiz africana. Implica criar condições para que os estudantes negros não sejam rejeitados em virtude da cor da sua pele, menosprezando em virtude de seus antepassados terem sido explorados como escravos, não sejam desencorajados de prosseguir estudos, de estudar questões que dizem respeito à comunidade negra” (BRASIL, 2004, p.12).

O reconhecimento, a valorização e a reparação são propostas que, por meio da educação, podem combater as determinadas formas de pensar que atingem, de maneira negativa, o negro. Aprender a conviver com o outro e a se auto afirmar como negro é o desafio.

Conforme afirmam Albuquerque e Fraga Filho (2006, p. 13), “a história do negro brasileiro não teve início com o tráfico de escravos. É uma história bem mais antiga, anterior à escravidão nas Américas, à vida do cativo do Brasil”. Vale salientar que antes dos negros serem escravizados, trazidos por meio de força bruta para o Brasil, eles tinham uma vida, família, cultura e foram obrigados a deixar muita coisa para trás.

Nas escolas, muitos professores reproduzem para seus alunos que a África é um lugar pobre, onde só existe miséria, fome, guerras, animais selvagens. Até na mídia, muitas vezes, o continente é visto apenas dessa forma. Mas, parte dele é rico, com destaque em vários setores, na economia, no turismo, petróleo e riquezas minerais são destaques em algumas regiões.

A escola tem papel de grande relevância para combater as desigualdades, o preconceito, o racismo, pois ela é dotada de sujeitos que fazem e trabalham para a mudança na sociedade e forma sujeitos que farão o mesmo futuramente. Embora ainda haja algo negativo nisso, pois existem muitos professores que não estão se importando em mudar a realidade que se encontram realidade essa de difícil compreensão.

O educador tem a responsabilidade de combater qualquer prática preconceituosa, tanto na sala de aula quanto na escola como um todo. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena (BRASIL, 2004):

“A escola, enquanto instituição social responsável por assegurar o direito de educação a todo e qualquer cidadão, deverá se posicionar politicamente, contra toda e qualquer forma de discriminação. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo e qualquer educador, independentemente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política” (BRASIL, 2004, p. 16).

O educador deve ser imparcial com a relação ao combate a todo tipo de preconceito ou discriminação.

A questão afro-brasileira é de difícil compreensão, pois envolve várias ideias de construção de identidade, conhecimento da história e cultura negra, formação docente. E se assumir como negro na nossa sociedade é uma forma de posição política, pois vivemos numa sociedade onde o preconceito e a discriminação envolve as pessoas negras e de classe social inferior.

Ainda recorrendo as Diretrizes (BRASIL, 2004):

“É importante tomar conhecimento da complexidade que envolve o processo de construção da identidade negra em nosso país. Processo esse, marcado por uma sociedade que, para discriminar os negros, utiliza-se tanto da desvalorização da cultura de matriz africana como dos aspectos físicos herdados pelos descendentes de africanos. Nesse processo complexo, é possível, no Brasil, que algumas pessoas de tez clara e traços físicos europeus, em virtude de o pai ou a mãe serem negro (a), se designarem negros; que outros. Com traços físicos africanos, se digam brancos. É preciso lembrar que o termo negro começou a ser usado pelos senhores para designar pejorativamente os escravizados e este negativo da palavra se estende até hoje” (BRASIL, 2004, p.15).

Pensar nas diversas formas de inclusão do negro no meio social, não se refere à tentativa de que o mesmo se sobressaia sobre as outras pessoas, mas sim, como uma forma de criar condições de valorização das diversas culturas e identidades. O respeito pelo outro deve ser a chave ideal para uma sociedade justa, sem preconceitos. O negro precisa ser reconhecido, pois muito influenciou para a construção da nossa nação. O PCN (BRASIL, 2001) diz que, “mudar mentalidades, superar o preconceito e combater atitudes discriminatórias são finalidades que envolvem lidar com valores de reconhecimento e respeito mútuo, o que é tarefa para a sociedade como um todo.” (BRASIL, 2001, p. 23). É dever de todos praticar o respeito para com os demais, transmitindo, assim, uma melhor compreensão das diferenças existentes entre cada um, sem discriminação.

O que pode ser feito em relação a essas diferenças? De que modo às escolas podem trabalhar a valorização do diferente e o respeito às diferenças?

O PCN nos mostra que “Uma proposta curricular voltada para a cidadania deve preocupar-se com as diversidades existentes na sociedade. [...] É a ética que norteia e exige de todos, e da escola e educadores em particular, propostas e iniciativas que visem à superação, do preconceito e da discriminação” (BRASIL, 2001, p.35-36). É necessário mostrar para nossos alunos que vivemos cercados de diferenças, que cada pessoa se diferencia da outra nas suas características físicas e até no modo de pensar e que essas se completam.

Ainda recorrendo ao PCN (2001), ao se trabalhar a diversidade cultural no espaço escolar, “oferece-se, também, elementos para compreensão de que respeitar e valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas, sim, respeitá-los como expressão da diversidade, respeito que é, em si, a todo ser humano, por sua dignidade intrínseca, sem qualquer discriminação” (BRASIL, 2001, p.19-20). Vivemos em uma sociedade plural, na qual é formada por diversas etnias, diversas culturas onde cada região do nosso país possui variadas características culturais que, muitas das vezes, são marcadas por preconceitos. É importante ensinar aos nossos alunos, oferecendo oportunidades para que conheçam as origens e as diferentes culturas existentes no mundo e os costumes de cada povo.

A questão negra, como sendo um dos assuntos que se refere à diversidade étnica, é uma das mais questionadas, pois, desde o período de escravidão, o negro tem sofrido com discriminação. Embora se tenha modificado um pouco essa realidade, mas ainda precisamos fazer mais. É necessário, como nos afirma as Diretrizes (2004):

“Pedagogias de combate ao racismo e as discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico-raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente, as negras” (BRASIL, 2004, p.16).

Dessa forma, quando reconhecemos o quanto o outro nos fez – e nos faz – algum bem, vemos o seu valor. Independentemente de cor, todos nós contribuimos para mudar a nossa realidade. Para isso, é importante também que o educador compreenda a importância que as questões sobre a diversidade étnico-racial têm para uma educação positiva.

4. OS CONTEÚDOS SOBRE O NEGRO NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 4º ANO

O livro em questão é o exemplar de história do 4º ano que faz parte da coleção “Aprender Juntos” (2011), cujos autores são: Raquel dos Santos Funari e Mônica Lungov. A primeira, licenciada em História pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte; Mestre e doutora em História pela Universidade Estadual de Campinas; Consultora Pedagógica, professora de História e coordenadora de área no Ensino Fundamental e Médio. A segunda, Bacharel e licenciada em história pela Universidade de São Paulo; Consultora pedagógica e professora de História no Ensino Fundamental e Médio. O livro faz parte da editora SM, do ano de 2011.

O livro didático, como sendo um dos meios mais utilizados pelo professor em sala de aula, é um material que deve ser analisado, tanto seus conteúdos, quanto a utilização prática pelo professor, ou seja, é importante analisar os conteúdos que serão debatidos em sala de aula pelo professor. Diante disso, o docente irá conhecer o tipo de material que auxilia na sua prática. Há algum equívoco nos livros de história? Os conteúdos seguem uma teia, ou seja, apresentam uma sequência? Há informações ocultas?

As autoras do livro didático, Aprender Juntos, orienta os professores a utilizar o livro didático, mas que não se prendam apenas a ele.

“O percurso desse itinerário, entretanto, é uma proposição, e não uma imposição de caminho único e restrito. Cabe ao educador nortear essa rota, definir o momento da partida, as paragens obrigatórias e adicionais, o tempo dedicado a cada ponto, as pausas- de acordo com a realidade de cada classe, da escola, das situações ocasionais ou imponderáveis” (FUNARI; LUNGOV, 2011, p.3).

Na prática o professor utiliza esse mecanismo do jeito que está posto ou não? Será que utiliza outros meios de tratar os conteúdos? Como despertar na professora a importância de problematizar as imagens e os conteúdos do LD?

Diante disso, em anos anteriores, através de pesquisa no grupo de estudo, determinadas alunas analisaram algumas coleções e entre elas estava a do livro em questão, Projeto Aprender Juntos. Nas pesquisas de Iniciação Científica das Cotas 2011-2012, 2012-2013 e 2013-2014 os estudos com livros didáticos identificaram algumas categorias, as quais se destacam: África, tráfico e trabalho escravo, movimento abolicionista e pós-abolição

Um ponto observado é que na página 29 inicia-se a discussão sobre o cultivo da cana de açúcar tal como se aborda sobre o trabalho escravo, mas em nenhum momento se faz

referência ao livro do 3º ano em que se tratou sobre o Brasil africano, de forma que só é sugerido que seja retomado quando se fala na página 47, no texto “Numa terra estranha”. Será que os alunos irão lembrar-se do que foi estudado no ano anterior? Por que não se fala da África antes de falar do trabalho escravo?

O grupo de pesquisa identificou que a maioria dos livros estudados não tratavam sobre a África. Na imagem do pintor Antonio Cavazzi, que acompanha o texto citado anteriormente, é retratado o dia-a-dia de um rei africano produzindo ferramentas diante de seu povo. Dessa forma é desconstruída a ideia de que a África é um continente selvagem.



Foto: FUNARI; LUNGOV (2011, p.47)

Os negros africanos exerciam diversas atividades, cada um exercia determinadas tarefas com muita experiência, eram hábeis. De acordo com Silva (2014):

“O texto que complementa a imagem é bastante interessante, pois traz algumas informações relevantes sobre a África antes da chegada dos europeus, favorecendo a compreensão da mesma como um continente rico em história, cultura e conhecimento. Ainda destaca que os africanos já tinham grande habilidade no trabalho com o ferro e muitos eram comerciantes e artesões” (SILVA, 2014, p.54).

Muitos livros quase não falam sobre o continente africano e seu povo, por que isso acontece? Ainda referindo-se a imagem de Cavazzi, mostra-nos a habilidade que os africanos tinham de produzir suas próprias ferramentas de trabalho.

É estranho que na página 29 trata-se do cultivo da cana e a produção de açúcar, sem destacar as habilidades do povo negro, será que não poderia ser retomado logo nessa página o valor das habilidades do trabalhador negro, haja vista, que mostra a força do trabalho do negro nos engenhos? Essa é uma questão nova no LD, não se fala das habilidades e capacidades do trabalhador negro, seus conhecimentos, sua memória e cultura como valores do seu povo.

Esse LD traz essa reflexão aparece na página 47, mas será que a professora trabalha isso com as crianças?

Ao longo dos anos, o negro foi mantido a margem da sociedade brasileira, isso durante o desenvolvimento da história do Brasil, havendo uma desigualdade por parte de raças, ou seja, o negro é visto como alguém inferior. No ambiente escolar essas desigualdades são repercutidas, os livros muitas vezes não apresentam nenhuma forma de valorização de etnias e culturas diversas que formam o nosso país. Por que não se valoriza o trabalhador negro? Suas habilidades? Suas capacidades, criatividade e lutas para sobreviver? O povo negro construiu esse país, mas não se valoriza esse trabalho e se desqualifica o trabalhador. Os negros tinham habilidades em vários trabalhos, não vieram como uma folha em branco.

Os conteúdos sobre os negros nos livros didáticos são apresentados resumidamente, e muitas vezes nem aparecem e não se mostra a família negra em situações favoráveis. A história do povo negro é contada sem realçar a luta e resistência dos escravizados. Muitas vezes se destacam os castigos que o povo negro sofria sem discutir o que provocou aquele episódio, parecendo que o negro sempre foi passivo à condição de escravo ou que é natural a escravização, daí o porquê de muitas crianças negras se sentirem indiferentes, pois o que é visto é mais a valorização da “raça branca”.

Na página 42, sobre o tema da escravidão, o texto apresentado no início do capítulo, refere-se à escravidão do mundo antigo e do Brasil colônia, mostrando-nos que escravidão não só se deu com os negros trazidos da África. No primeiro caso os escravos não eram comercializados. Na Grécia antiga, eram escravizados os prisioneiros de guerra e as pessoas que não podiam pagar as dívidas. Os escravos não tinham nenhum direito, pois não eram considerados cidadãos. Nesse sentido, é necessário destacar que vários povos sofreram com a escravidão, não foi somente o negro. A escravidão que ocorreu no continente africano foi diferente do processo de mercantilização que os europeus implementaram. O escravo é transformado em mercadoria de forma que esse processo se prolongou por três séculos, sendo o Brasil o último país a abolir a escravidão.

O primeiro conteúdo a ser abordado no livro do 4º ano sobre o negro é o cultivo de cana e produção do açúcar, iniciado no capítulo sobre a colonização, mostrando que o negro escravizado foi de grande importância para todos os trabalhos no plantio e na colheita de cana-de-açúcar, como a imagem de Jean-Baptiste é apresentada.



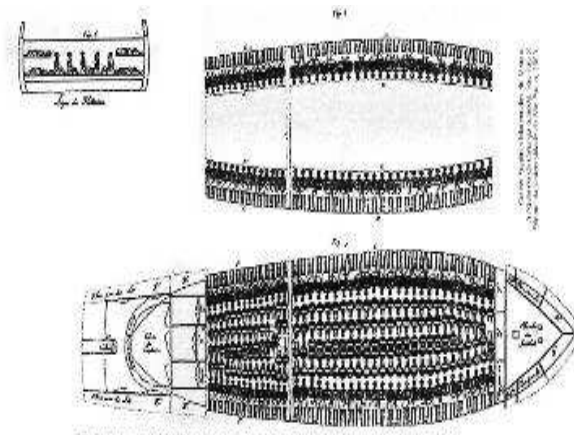
Foto: FUNARI; LUNGOV (2011; p.29)

A gravura nos mostra uma imagem romantizada, pois os negros parecem trabalhar tranquilamente, o ambiente bastante limpo, tudo bem organizado, embora saibamos que como a imagem mostra cada um realiza uma função na máquina de moagem, eles trabalhavam de maneira exaustiva. Como afirma Albuquerque e Fraga Filho (2006):

“A moenda não podia parar, pois a cana colhida tinha que ser logo processada para não estragar. Nesse período, a moenda ficava em funcionamento ininterrupto de dezoito a vinte horas. Esse ritmo intenso de trabalho ia de agosto a maio, quando chegavam as chuvas de inverno, impossibilitando as atividades nos canaviais” (ALBUQUERQUE E FRAGA FILHO, 2006, p.72).

Diante disso, como o negro se sente, sendo obrigado a trabalhar exaustivamente? É importante destacar a resistência negra diante de tanta exploração, as fugas e as várias formas de sabotagem do trabalho, as revoltas eram resultado da indignação frente à tamanha exploração.

A temática do tráfico negreiro é mostrada através de uma imagem com a forma como os negros eram transportados dentro do navio negreiro.



Fonte: FUNARI; LUNGOV (2011, p.44)

Embora a imagem não apresente como realmente eram as condições da viagem, é perceptível a forma como os escravos estavam, sentados ou deitados, sem nenhuma condição de se locomover. A partir da observação da imagem, no livro didático de história do 4º ano, são realizadas algumas perguntas para que os alunos possam compreender melhor como era essa viagem, tais como: “Eles podiam se locomover dentro do navio? Todos podiam deitar e dormir ao mesmo tempo?” (FUNARI; LUNGOV, 2011, p.44). Em seguida, de acordo com a imagem e nas respostas dadas as questões anteriores, descreveriam as condições de viagem dos africanos no navio negreiro. Sendo assim, esses questionamentos podem fazer com que os alunos reflitam sobre a viagem dos escravos, permitindo a reflexão de como eles poderiam suportavam dias dentro dos navios apertados e como conseguiam sobreviver.

Dessa forma, mesmo que as informações referentes ao tráfico negreiro sejam poucas, os questionamentos favorecem que o aluno se posicione de forma crítica sobre o assunto, distante de outros livros que não trazem reflexões.



Fonte: FUNARI; LUNGOV (2011, p.45)

Dando sequência a temática, uma gravura do pintor Rugendas (acima), representa o porão de um navio negreiro. A imagem mostra uma ideia romantizada, onde todos parecem estar confortáveis, recebendo água, alguns descansam outro deitado em uma rede. Conhecemos que na realidade foi bastante diferente, pois os navios vinham abarrotados de escravos, tornando o porão do navio sem nenhum espaço, muitos morriam durante a viagem. É importante comparar as duas imagens do tráfico, problematizando e favorecendo uma reflexão dos alunos sobre as condições da viagem e o tratamento recebido pelos africanos. Sobre a viagem nos navios, Albuquerque e Fraga Filho (2006) destacam:

“Os comerciantes tinham interesse em alojar o maior número possível de escravos nos navios, e essa prática tornava a viagem insuportável. Muitas vezes aumentar o número de cativos implicava em diminuir a quantidade de víveres disponível para cada um.

[...] Geralmente os escravos eram alimentados uma vez por dia [...] Em 1642, um holandês que atuava no tráfico em Luanda informou que os mercadores portugueses costumavam alimentar os escravos com azeite e milho cozido. A pouca ingestão de água durante a viagem geralmente provocava desintérias e desidratação. Além da fome e da sede, havia o sofrimento por ter deixado para trás seus entes queridos, com pouca chance de voltar a revê-los” (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p. 49).

Dessa forma, percebemos como era o tratamento que os negros escravizados recebiam durante a viagem. O transporte dos africanos para as Américas eram realizados por meio de um navio, este denominado navio negreiro. Os africanos eram colocados no navio sem nenhum tipo de cuidado básico. O local era bastante escuro, não tinha nenhum tipo de ventilação, a alimentação era pouca e de má qualidade, permitindo apenas que fossem mantidos vivos. Eram tratados como verdadeiros animais amontoados. As necessidades fisiológicas eram feitas ali mesmo. Os negros escravizados eram capturados através de guerras e em seguida, quando chegavam ao Brasil, eram tratados como mercadorias e comercializados entre os senhores donos de fazendas. De acordo com Pinsky (2009), a viagem dos escravos se dava da seguinte maneira:

[...] A travessia não era, à época, cruzeiro de luxo para nenhum viajante. A fome, a sujeira, o desconforto e a morte eram companhias de viagem dos negros. O número de escravos por navio era... o máximo possível. Uns quinhentos numa caravela, setecentos num navio maior- cerca de mil toneladas- iniciavam a viagem que demorava de 35 a cinquenta dias a partir de Angola até Recife, Bahia ou Rio de Janeiro, numa viagem normal. Calmarias ou correntes adversas podiam prolongar a travessia até cinco ou mesmo seis meses, tornando mais dantescas as cenas de homens, mulheres e crianças espremidos uns contra os outros, vomitando e defecando frequentemente em seus lugares, numa atmosfera de horror que o calor e o mau cheiro se encarregavam de extremar. [...] navios negreiros eram pressentidos nos portos pelo odor que os antecipava e que persistia mesmo quando já estavam livres de sua carga (PINSKY, 2009, p.37).

Sendo assim, é notório o tratamento desumano que os negros escravizados tiveram desde o momento da captura. Eles eram obrigados a deixarem suas terras e suas famílias de modo que muitos não aguentavam esse tipo de tratamento e acabavam se atirando ao mar. Outros adoeciam e morriam durante a viagem. De acordo com Machado (2004, s/p):

“Eram propositalmente separados de suas famílias e dos membros de suas tribos. [...] O espaço em que ficavam era, além de apertado, muito escuro e mal ventilado, isso acabava tornando ainda pior a condição de vida e

provocava grande número de mortes. Como já se sabia que isso aconteceria, os navios negreiros sempre viajavam com uma quantidade muito maior de cativos do que realmente deveria acomodar em seus porões. O excesso de "carga" tinha como propósito repor as perdas causadas pelas mortes que ocorriam ao longo da viagem e tornar a viagem o mais lucrativa possível.”

Muitas vezes todo esse sofrimento que o negro escravizado teve em realidade não é mostrado aos alunos. Sendo assim, como os alunos podem compreender essas condições da viagem dos escravos, se o professor/a não questiona como se dava o processo de captura e escravização dos africanos? E o professor que não conhece essa realidade, como pode trabalhar esses conteúdos?

No livro didático em questão, uma gravura de autoria desconhecida representa a captura de escravos na África. Essa imagem mostra homens, mulheres e crianças amarrados, alguns senhores (feitores) com chicotes e armas para evitar a fuga dos africanos. Essa imagem nos faz refletir sobre como eram capturados na África? Como era a comercialização dos negros? Se o professor buscar mais informações até no próprio livro vai perceber que nas orientações mostram que na África os próprios negros escravizavam os outros e que muitos escravos eram capturados em guerras entre povos inimigos e disputa de reinos.



Gravura de autoria desconhecida, do século XIX, representando a captura de escravos na África.

Fonte: FUNARI; LUNGOV, 2011, p.43

Ao chegar ao Brasil, os negros escravizados trazidos da África eram obrigados a exercer atividades diferentes das que eles exerciam. Eram ensinados novos costumes e outra língua. No final da página citada, uma pergunta faz com que o aluno não só reflita sobre as novas formas de adaptação dos escravos, mas também ao descrever sobre o que se pede, o aluno vai começar a melhorar sua escrita através da produção de um pequeno texto. A questão que se segue é: “Imagine um africano que em sua terra era ferreiro ou fazia tecidos ou objetos

de cerâmica. No Brasil, ele vai trabalhar como escravo em um engenho. Em dupla com um colega, escreva uma história sobre essa pessoa” (FUNARI; LUNGOV, 2011, p.47). Diante disso, o negro sempre teve uma vida normal em seu lugar de origem e foi obrigado a largar tudo para viver em outro lugar onde ele não tinha conhecimento sobre a língua e sobre os diferentes costumes e crenças.

Em seguida, dando continuidade à temática, o LD vem mostrando o local onde os negros ficavam quando chegavam ao Brasil para serem comercializados, cujo tópico denomina-se: Mercado de escravos. Os africanos escravizados eram tratados como produtos. Os comerciantes passavam óleo no corpo dos escravos para deixar a pele com uma boa aparência. Os compradores preferiam aqueles escravos saudáveis e mais jovens, por serem mais resistentes ao trabalho braçal.



Fonte: FUNARI; LUNGOV, 2011, p.46

A imagem logo acima mostra o local onde ficavam os escravos que desembarcavam no Brasil, no estado do Maranhão. Não havia janelas no prédio, existia apenas uma pequena abertura para a circulação do ar, dessa forma os escravos não teriam como fugir. As perguntas/questões que se seguem fazem com que o aluno formule sua própria opinião sobre o assunto, imaginando assim como era o local de comercialização dos escravos.

Antes de serem comercializados os negros capturados, eram colocados em locais onde não podiam sair tido como uma “prisão”, com poucas aberturas para que apenas pudessem respirar, sem portas ou janelas.

Outra imagem que se segue mostra um mercado de escravos em Recife, numa rua ao ar livre, os homens brancos se encontram vigiando os negros escravizados. No final da página, duas perguntas fazem com que o aluno reflita sobre como cada pessoa se via/sentia desde a captura até o embarque nos navios negreiros e como os alunos imaginam sobre a

dominação de um povo sobre o outro. “Como as pessoas deviam se sentir quando eram capturadas e embarcadas nos navios negreiros? [e] O que você pensa sobre a dominação de um povo sobre o outro?” (FUNARI; LUNGOV, 2011, p.49).



Foto: FUNARI; LUNGOV, 2011, p.49

As imagens anteriores apresentam para nós uma forma de dominação sobre o outro. Mostra-nos o tipo de tratamento tido com os escravos: um local apertado, sem ventilação para evitar fugas, o prédio não possuía janelas, e logo a exposição dos escravos ao ar livre, sob o olhar dos feitores para que nenhum escapasse. Albuquerque e Fraga Filho (2006) nos mostra a comercialização dos escravos:

“Casas comerciais e negociantes licenciados em escravos novos, que traficavam grande quantidade de africanos, exibiam-nos nas portas de casas ou armazéns. Assim que estavam prontos para venda, os negociantes colocavam anúncios nos jornais informando ao público que um novo “carregamento” estava disponível. No dia marcado, os feitores organizavam suas mercadorias humanas para expor aos compradores — em geral, por idade, sexo e nacionalidade. Quando organizados por idade, os mais velhos, entre trinta e quarenta anos, sentavam-se na fileira de trás; os mais qualificados, entre quinze e vinte anos, ocupavam os assentos do meio; mulheres e crianças ficavam nos assentos mais baixos ou no chão” (ALBUQUERQUE; FRAGA FILHO, 2006, p.55).

Diante disso, os escravos eram separados por grupos, categorias de acordo com interesses para os compradores, eram mercadorias humanas, diferenciadas igualmente pelo preço.

O capítulo intitulado Escavidão na colônia é iniciado com um texto do historiador Júlio Quevedo (1998), denominado Trabalho, trabalhos, descreve os trabalhos domésticos que os escravos realizavam. Sendo assim, os autores trazem a relação entre os trabalhos dos escravos e atualmente como são os trabalhos domésticos, onde os alunos podem refletir sobre as diferenças ocorridas com o tempo. Adiante, o tópico do livro “A escavidão nos engenhos”

mostra a importância que os escravos tiveram na lavoura e nos engenhos. Em seguida, um texto refere-se sobre os africanos nos engenhos do autor João Antonil. Segundo ele, ao chegar ao Brasil, alguns escravos acabavam aprendendo o português e a doutrina cristã e desses, eram escolhidos os que iam exercer determinada função nas fazendas, Alguns se tornavam tacheiros, outros barqueiros, caldeiros, etc.

As mãos dos escravos foram utilizadas em diversas atividades, desde os trabalhos em lavouras de café, nos canaviais, até nos trabalhos domésticos. Como nos mostra Albuquerque e Fraga Filho (2006):

“Por mais de trezentos anos a maior parte da riqueza produzida, consumida no Brasil ou exportada foi fruto da exploração do trabalho escravo. As mãos escravas extraíram ouro e diamantes das minas, plantaram e colheram cana, café, cacau, algodão e outros produtos tropicais de exportação. Os escravos também trabalhavam na agricultura de subsistência, na criação de gado, na produção de charque, nos ofícios manuais e nos serviços domésticos. Nas cidades, eram eles que se encarregavam do transporte de objetos e pessoas e constituíam a mão-de-obra mais numerosa empregada na construção de casas, pontes, fábricas, estradas e diversos serviços urbanos. Eram também os responsáveis pela distribuição de alimentos, como vendedores ambulantes e quitandeiras que povoaram as ruas das grandes e pequenas cidades brasileiras” (BRASIL, 2006, p.66).

Para isso, o número de escravos para a realização de todas as atividades teria que ser grande. Toda atividade tinha a mão de obra escrava. Sendo assim, por que não é exaltada a importância do trabalho escravo?

Na página 52 do livro didático fala-se dos trabalhos que os escravos domésticos exerciam, ou seja, os que realizavam o trabalho dentro da casa do senhor. Havia diferenças entre os escravos que trabalhavam nos engenhos e os escravos domésticos em relação às vestimentas e ao trabalho exercido. Os primeiros vestiam poucas roupas, já os segundos, vestiam roupas melhores, pois estavam em contato direto com a família do senhor do engenho. Já os que trabalhavam nas casas dos senhores de engenho exerciam trabalhos ligados ao ambiente de casa, seja na cozinha, cuidando das crianças dos senhores, etc.

A escravidão nas minas utilizou muito da mão de obra escrava e essa não deixou de ser a mão do escravo negro. Através das imagens apresentadas no livro didático os alunos podem pensar sobre as condições de trabalho na época da escravidão e do trabalho nas minas.

Para concluir a segunda unidade, o livro apresenta a resistência negra, mostrando que os negros organizaram várias formas de resistências, dentre elas os quilombos. Contudo, só é retratado o quilombo de Palmares e Zumbi e das revoltas, só é mencionada a dos Malês. Na

unidade três que trata do trabalho livre na colônia, aborda os negros alforriados exercendo várias funções. Só na unidade quatro, que trata do fim da escravidão, que parece estranho, pois deveria vir antes, nesta no capítulo dois se trata do processo da abolição e apresenta as leis que foram criadas para reduzir e, por fim acabar com a escravidão. O destaque é apresentar essa questão como um processo, no entanto, quase não se fala do pós-abolição. No início do capítulo, apresenta-se uma canção de Gilberto Gil sobre a situação do negro após a abolição e um pequeno texto de uma revista, sem identificação do autor, que fala da preocupação com os negros, pois a lei Áurea não “previa nenhum tipo de apoio ou de assistência aos negros que, de repente, ficavam sem ter para onde ir e onde trabalhar para ganhar o seu sustento” (FUNARI; LUNGOV, 2011, p. 128).

O livro didático do 4º ano apresenta informações que ajudam numa melhor compreensão sobre a temática africana, mas muitas das vezes esses conteúdos não são tratados com os alunos da forma como tudo realmente aconteceu. Cabe ao professor explorar todas as informações possíveis para tratar com seus alunos. De acordo com Silva (2014):

“O diferencial deste livro é que as imagens são utilizadas como mais uma fonte de informação que em consonância com os textos, auxilia no entendimento mais amplo do aluno com relação à história. As mesmas são sempre questionadas, permitindo assim a reflexão crítica e o posicionamento do educando acerca do que está sendo abordado” (SILVA, 2014, p. 63).

Assim, o professor está diante de um material que dá subsídios para o aluno questionar o que está sendo posto em sala de aula. De acordo com MACHADO (2008), “o professor deve, então, abandonar as práticas de ensino transmissivas, a ênfase no domínio pleno dos conteúdos programáticos, o livro didático como único recurso para trabalhar o conhecimento e todas as outras práticas embrutecedoras” (MACHADO, 2008, p.74). O educador deve reconhecer que em sua prática deve estar presentes vários recursos, contribuindo assim de várias formas para uma melhor aprendizagem. Não deve apenas seguir cuidadosamente os conteúdos dados nos planejamentos entre os professores, mas saber aliar/ligar esses conteúdos a outros. Muitas vezes o próprio livro não segue uma ordem de conteúdos, podendo retroceder ou avançar nos conteúdos apresentados. E o professor que não conhece o livro didático, como pode identificar essa maneira de trabalhar determinado assunto/conteúdo?

A proposta das autoras da coleção Aprender Juntos é de que o professor tenha em mãos um material didático que ajude o aluno a compreender melhor as temáticas, de modo que o educador possa adaptá-lo a sua realidade. O próprio livro em discussão traz uma ajuda

para que o professor conduza suas aulas, em que o mesmo pode consultar as sugestões que o livro apresenta. O intuito dessa proposta é tornar o aluno e o professor sujeitos do processo de ensino-aprendizagem. Mostrar o devido valor tanto ao professor quanto ao aluno do diálogo que necessita ser constante, é importante ouvir os alunos, as inquietações, o conhecimento que cada um já traz consigo.

As atividades permitem mobilizar o aluno intelectualmente e leva-o a interagir com o objeto de conhecimento, construindo representações internas dele, ou seja, o aluno relaciona o que já sabe com o novo conhecimento adquirido, tendo assim, uma aprendizagem significativa.

Além do ensino específico da história, outros conteúdos se integram, como os factuais, conceituais, procedimentais e atitudinais, que contribuem para uma educação desejada, educação esta que deve perpassar por outras de maneira crítica, reflexiva.

Há vários recursos didáticos utilizados nas atividades do livro em questão, como imagens que complementam a informação, onde os alunos devem/podem observar e fazer uma leitura da mesma. Para que isso aconteça, o educador deve fazer com que o aluno se envolva com a imagem, questionando, comentando, detalhando, informando o que não está implícito. Há também imagens que podem ser comparadas, o professor poderá também utilizar os mesmos procedimentos citados anteriormente. Através das imagens o educador pode trabalhar com a produção de desenhos, com um tema ou um texto.

Outro recurso são os gráficos, mapas e tabelas os quais trazem/mostram informações sobre um determinado momento. É uma maneira de o aluno começar a se familiarizar com essa linguagem. Os recursos citados são adequados à faixa etária dos alunos, pois assim o educador pode propor aos alunos a elaboração de mapas e gráficos de acordo com a idade deles.

Os textos são um recurso utilizado para introduzir ou complementar os conteúdos estudados. Diante disso, é necessário que o educador saiba o tipo de gênero que o texto apresenta (poesia, conto, canção, depoimento) e a fonte (livro, jornal, revista, site). A diversidade de fontes dos textos permite trabalhar com os alunos abordagens e pontos de vista diferentes sobre um mesmo assunto, pois enriquece o aprendizado e desperta o interesse pela busca de informações.

A indicação de livros é relacionada ao conteúdo estudado. Para isso é necessário que a escola possua um bom acervo em sua biblioteca, facilitando o acesso ao aluno sobre esse material. O professor pode orientar o aluno a buscar em outros lugares esse tipo de material, como em casa, com os colegas, permitindo assim que o aluno dialogue com as demais

pessoas, trocando informações. Além de solicitar esse recurso, há outros em que pode ser utilizado em sala de aula ou até como uma atividade extra, de casa, materiais como revistas, jornais, panfletos, receitas, entre outros. Para isso é importante que o professor goste de fazer suas aulas um ambiente de aprendizado, de pesquisa, em que os alunos se sintam construtores do saber.

Já outra atividade presente no livro didático é de entrevista, nesse tipo de atividade o aluno vai aprender, através da prática, coletar dados, informações, oportunizando aos alunos uma forma deles produzirem o próprio texto, mesmo de forma oral, relatando o processo de entrevista, representando por meio de desenho ou texto escrito. Essas atividades, dependendo do educador, permitem um diálogo entre outras disciplinas, pois cabe ao professor promover a integração entre as disciplinas. Diante disso Nunes (1996) nos afirma que:

“Na relação dialética que o professor estabelece com a cultura elaborada, com o aluno em sala de aula, surge, com certeza, uma nova cultura, uma nova filosofia. Essa nova cultura, para assumir um caráter democrático, deverá ser capaz de auxiliar o aluno a reelaborar criticamente o seu pensamento com base em suas próprias experiências, em seu próprio pensamento. O professor de história como intelectual orgânico, deverá conduzir sua prática nesse sentido. Caso contrário, tornar-se-á um tradicional repassador de ideologias que apenas reforçarão a cultura e a organização político-social já estabelecida” (NUNES, 1996, p.35).

De acordo com o autor, o educador é responsável por oportunizar ao aluno, uma busca pelo conhecimento de diferentes formas, criando e fazendo atividades com que o aluno se torne um sujeito crítico. Não sendo apenas um mero transmissor, mas um mediador do conhecimento.

O PCN de história traz em si questões a serem discutidas em relação aos conteúdos de modo que o professor deve oferecer aos alunos oportunidade de conhecer as origens do povo brasileiro, de modo a respeitar as diversidades existentes tanto regionais, quanto políticas e culturais. Vivemos em uma sociedade plural, a qual foi formada por diversas etnias, diversas culturas, cada região do nosso país possui variadas características culturais e muitas das vezes são marcadas por preconceitos.

5. A PRÁTICA DOCENTE, O ENSINO DE HISTÓRIA E A IDENTIDADE NEGRA NO COTIDIANO ESCOLAR

O ensino de história é de total importância, pois deve ser levada em consideração a história de vida do aluno, de modo que somos sujeitos da história, fazemos história a todo instante (BRASIL, 1998). Desse modo, a história está ensinando como se dá o processo de construção da humanidade. Não é necessário, para ensinar, ter apenas conhecimento dos assuntos, mas deve se pensar na forma como os conteúdos devem ser trabalhados. O professor é o mediador dessa ação. A história deve estar articulada com as demais disciplinas e, cabe ao professor saber fazer essa relação de uma disciplina com outra. O PCN de história relata sobre a história interligada as outras disciplinas:

“O diálogo da História com as demais Ciências Humanas tem favorecido, por outro lado, estudos de diferentes problemáticas contemporâneas em suas dimensões temporais. Por meio de trabalhos interdisciplinares, novos conteúdos podem ser considerados em perspectiva histórica, como no caso da apropriação, atuação, transformação e representação da natureza pelas culturas, da relação entre trabalho e tecnologia e das políticas públicas de saúde com as práticas sociais, além da especificidade cultural de povos e das inter-relações, diversidade e pluralidade de valores, práticas sociais, memórias e histórias de grupos étnicos, de sexo e de idade” (BRASIL, 1998, p.33).

Diante disso, a história se faz presente em todos os contextos sociais e pessoais e pode ser trabalhada em qualquer disciplina. Para que o ensino aconteça, de forma construtiva, o aluno necessita explorar, escutar, fazer perguntas, questionar. De acordo com Freire (2014), “eles têm que aprender a lidar com a confusão. Eles têm que ser formados de uma maneira a não aceitar qualquer coisa que os professores digam em sala de aula. Precisam ser formados para criticar os professores” (FREIRE, 2014, p.35). O professor não é o único que sabe o aluno também traz um determinado conhecimento para a sala de aula.

Segundo Machado (2008) “a educação não é a busca pela verdade, mas a oportunidade de os sujeitos se emanciparem intelectualmente quando há espaço para a dúvida e a construção do conhecimento” (MACHADO, 2008, p.71). Diante disso, o aluno deve ter oportunidade para mostrar sua opinião, seu ponto de vista. O professor não deve ser o único a expressar opinião, a ser apenas o detentor do saber.

Muitas vezes o professor não se preocupa em tratar os conteúdos de maneira atrativa, não se atenta ao aluno, não problematiza, não questiona. Para isso Ribeiro (2013) nos diz que:

“É na ação educadora entre professores e alunos que surgem as questões, os problemas, as formas mais adequadas de lidar com o material de estudo e as

iniciativas de trabalho. A preparação de uma aula e sua efetivação é tarefa complexa, comportando inúmeras variáveis que somente são dominadas pelo educador em seu contato singular com os educandos” (RIBEIRO, 2013, p. 4).

Dessa forma, o professor deve buscar compreender a realidade de cada aluno, associando o conteúdo estudado com o cotidiano dos educandos. Antes de o professor ir pra sala de aula ele precisa planejar, para isso também é necessário que ele conheça seus alunos, utilizando através de exemplos experiências e realidades vivenciadas por ele ou por seus alunos.

O que o professor precisa fazer para melhorar sua prática? O professor deve ter a necessidade de obter mais conhecimentos das concepções teóricas do ensino de história para fundamentar seu trabalho. Nunes (1996) nos afirma que “o professor de história poderá adquirir uma outra concepção de mundo, de homem, de sociedade e de história” (NUNES, 1996, p.14). Diante disso, o educador ao inteirar-se, ao tomar conhecimento do seu ambiente/mundo e do mundo do aluno, ao surgir problemas irá saber solucioná-los.

O ensino de história nunca foi dos mais simples, sobretudo os dos anos iniciais, por ser uma área que é repleta de informações, em que muitos professores não possuem domínio dos conteúdos, acabam por transmitir informações gerando nos alunos uma simples decoreba, aprendem hoje e amanhã já se esquecem de tudo. Há uma resistência por parte dos alunos em aprender o que a história tem a mostrar ou revelar. Estudar história é reviver o passado, buscar conhecimento no que foi vivido. É importante compreender que somos nós (seres humanos) que fazemos história, somos sujeitos da história.

Recorrendo novamente a RIBEIRO (2013), “o professor necessita selecionar conteúdos a serem apresentados aos alunos, de modo que ele se empenhe para que os seus alunos desenvolvam uma reflexão crítica, construindo assim seu próprio saber, formando sua própria opinião” (RIBEIRO, 2013, p.3-4). Para isso, a metodologia do professor é a chave ideal para que os alunos se interessem pelo ensino de história, visto que essa disciplina torna os sujeitos conscientes do seu papel na sociedade.

O Parâmetro Curricular Nacional (2001) orienta que:

“Cabe ao professor, na criação de sua programação, e à escola, na decisão de seu projeto educativo, priorizarem tais conteúdos conforme a especificidade do trabalho a ser desenvolvido. É importante lembrar que o estreito vínculo existente entre os conteúdos selecionados e a realidade local, a partir mesmo das características culturais locais, faz com que este trabalho possa incluir e valorizar questões da comunidade imediata à escola (PCN, 2001, p.64)”.

É na prática da sala de aula que surgem as questões, os problemas, as formas mais adequadas de lidar com o material de estudo e as iniciativas de trabalho. A preparação de uma aula e sua efetivação é tarefa complexa, comportando inúmeras variáveis que somente são dominadas pelo educador em seu contato singular com os educandos. Ou seja, para que um professor chegue à sala de aula com determinado assunto é necessário ouvir o que os alunos sabem a respeito daquele tema, considerando o conhecimento prévio de cada um.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais Para o Ensino de História (1998) adverte em um de seus objetivos que: “o aluno seja capaz de posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas” (BRASIL, 1998, p.7). Os alunos chegam à escola com um determinado saber, e é preciso o professor identificar o que o aluno sabe e o que não sabe, para assim ajudar na compreensão dos conteúdos. É preciso ouvir os alunos, conhecer a história de vida de cada um. De acordo com Nunes (1996);

“[...] será possível pensar o ensino dessa história dentro de uma perspectiva que considere a historicidade do homem na construção da história, no âmbito das relações sociais. Isto, por sua vez, conduz a uma nova concepção de sociedade, de escola que educa para formar cidadãos críticos, reflexivos e não apenas seres passivos e contemplativos da realidade social em que vivem, a qual nunca questiona ou analisam criticamente” (NUNES, 1996, p.31).

Ao professor cabe fazer a mediação entre o objeto do conhecimento e o aluno, mostrando também o quanto a realidade, a vivência e as experiências de cada aluno são importantes para o estudo de história. O professor deve criar condições para seu aluno para que haja aprendizagem crítica. No dizer de Freire (2014) “ensinar exige rigorosidade metódica.” Ou seja, o professor deve criar meios para estimular o conhecimento dos alunos. Diante disso é necessário que o professor seja um sujeito crítico, que não só transmita informações da maneira que chega até ele, mas que o mesmo questione o que lhe foi apresentado, o que está diante dele. Desse modo, os alunos também irão saber questionar. Que o professor não seja um repetidor de informações/ideias. É necessário que ele relacione o que leu com a realidade, com o que está acontecendo no momento, mencione fatos acontecidos e que poderão ainda acontecer. Ainda recorrendo a Nunes (1996), o mesmo diz que

O professor, cuja concepção de homem seja a de que este é produção e construção do processo histórico, naturalmente concebe um ensino de história, mesmo no nível fundamental, voltado para a realidade social

vivenciada pelos seus alunos. Ensino este que lhes permita a reflexão crítica em torno do mundo social no qual estejam inseridos. Por outro lado, ele mostra a seu aluno as possibilidades que a sua condição de homem como ser social engajado lhe oferece para buscar mudanças que sejam do interesse do grupo, das comunidades com as quais ele convive (NUNES, 1996, p.30).

A mediação do professor ajuda nesse processo de aprendizagem do aluno. O trabalho do professor muitas vezes está ligado à reprodução das imposições postas pelo livro. Sabendo que o livro didático é apenas um recurso para apoio do professor, acaba que sendo visto como algo que deve ser dado como único meio.

É perceptível a precariedade, no que se refere ao ensino, contando com a metodologia da professora e o desinteresse por parte dos alunos em buscar questionamentos sobre o ensino da história e outros assuntos advindos não só na disciplina de história, mas também nas demais. De acordo com Araújo (2009, s/p):

“A relação professor-aluno era vertical, piramidal, pois era hierárquica e tinha como consequência a submissão, o medo do aluno de se expor perante o público, restrito ou não, numa atitude submissa e apática, sendo, portanto, considerado como um componente do conhecimento, o receptor da tradição cultural, aquele que nada sabe e que precisa do professor para absorver, como uma esponja jogada na água, a informação vinda deste profissional.”

Para Araújo (2009), o conhecimento só era dado através do professor, só ele que podia expor opiniões e os alunos obrigados a ouvir e aceitar tudo. Será que só professor sabe de tudo? O aluno não traz em seu histórico nada que possa ajudar na construção do conhecimento, nada pode compartilhar?

Outra questão observada durante as observações foi do desinteresse do professor em lecionar. Quais desinteresses são apresentados no contexto escolar entre professor e aluno? O desinteresse por parte dos professores, em fim de carreira, são os mais preocupantes. Será que os educadores não percebem o grande problema no processo de ensino-aprendizagem dos seus alunos no momento e o que pode ocorrer daqui pra frente com os seus alunos? O que causa muitos professores estarem desmotivados? O que fazer para ajudar docentes e discentes? Essa desmotivação não está presente somente nas aulas de história, em todas as disciplinas, a metodologia é a mesma. Os educandos podem se tornar pessoas que não expressam seus pontos de vista, pois não estão sendo ensinados a serem sujeitos críticos, de opiniões próprias.

Sabendo o professor que, os seus alunos já vem de uma realidade difícil, muitos aparentam ser de famílias bem humildes e que veem a escola como um espaço de

transformação da realidade, não faz com que as aulas proporcionem um tempo de diversão e aprendizagem. Haja vista que o ensino de história ajuda na compreensão de mundo, de sociedade como um todo. O professor não lança seu olhar sobre a sala de aula, sobre os sujeitos ali envolvidos. Esse tipo de prática é denominado por WERNECK (1992) como pedagogia de avestruz, “onde o professor enfia a cabeça embaixo da mesa para não encarar a baderna organizada por ele ou pela escola” (WERNECK, 1992, p. 56). O que fazer com uma ação desse tipo? Como ajudar discentes que podem apresentar problemas, tanto pessoais quanto no ensino escolar?

Antes o professor era quem tinha autoridade absoluta em sala de aula, de modo que era considerado o detentor do saber. De acordo com Ferrarezi Jr. (2014), “o bom aluno era o que entrava calado e saía da escola mais calado ainda, que cumpria rigorosamente todas as ordens emanadas pelo professor [...]” (FERRAREZI Jr, 2014, p.24). Nos dias atuais já é bastante diferente essa visão sobre o professor, embora ainda haja muito que se mudar com relação à prática do professor porque muitos ainda apresentam comportamentos tradicionais. Diante disso, WERNECK (1992) fala de uma didática absolutista:

“O professor ensina conforme seu método, tendo os alunos que se acostumar a se sujeitar ao processo. Os conteúdos não são discutidos, nem há possibilidade de mudar processo algum na caminhada do aprendizado. O passado garante o êxito do processo e sua manutenção é até uma questão de bom senso; na didática anárquica as aulas não são programadas, acontecem conforme o andar dos desejos de cada turma ou de cada aluno. Atendem ao interesse do momento, estando mais o professor à mercê das mudanças de interesse que atento ao seguimento da sequência pedagógica preestabelecida”(WERNECK, 1992, p.54).

Alguns educadores teimam em ministrar suas aulas da forma que querem, sem nenhum planejamento, daí o insucesso da prática do professor, tornando um dos motivos centrais de uma má educação. Sendo assim, o ensino torna-se vago, reprodutivo, quando os alunos são questionados sobre o que já foi ensinado, muitos não lembram e a maioria das perguntas são as respostas já vem logo em seguida, com respostas curtas, condicionando a um sim ou um não. O que se pode fazer para ajudar alunos com uma problemática dessa? A muito a se fazer por esses alunos, pois do jeito que está lá na frente irão sentir/perceber uma grande lacuna.

É necessário o professor ter gosto pelo o que faz, é necessário ter encanto em ensinar para que o ensino tenha seus resultados positivos. Nada adianta ter muita teoria quando na

prática nada é feito para que haja mudança. Como pode o professor, querer ver uma educação de qualidade, se nem ele mesmo arregança as mangas para o diferente, para as mudanças?

Por que o professor ainda se nega a ensinar sobre a história do povo negro como realmente é, expondo somente ideias superficiais, não questionando os alunos, não trabalhando de forma lúdica, não instigando o aluno a pensar sobre a realidade dos negros?

3.1- A Prática Docente e o Ensino de História

A professora utiliza em suas aulas um método bastante tradicional de ensino a qual baseia-se na memorização e reprodução, segundo o PCN (1998). Transcreve a atividade do livro e os alunos tem que responder do jeito que está posto.

De acordo com Freire (2014), em relação à prática docente, ele nos afirma que: “[...] quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos e suas inibições [...]” (FREIRE, 2014, p.47). O professor deve criar possibilidades para o aluno em sala de aula.

As aulas de história são sempre assim: Antes da atividade, é realizada a leitura de um texto, presente no livro didático, o qual se refere à temática da aula; a professora manda que cada um dos alunos leia um parágrafo e às vezes ela relê novamente o texto. Raramente há explicação do que o texto fala, e quando isso acontece às informações não acrescentam nada além do que já está no próprio texto. Ainda recorrendo a Freire (2014) nos questiona:

“Está a Educação, no mundo inteiro, gerando experiências de criatividade ou impondo a experiência da repetição? O que significa, por exemplo, cometer erros? Se tomarmos a perspectiva de uma educação que se responsabiliza por estimular, no dia-a-dia, a curiosidade e a criatividade, nós temos que respeitar os erros. Desta perspectiva educacional o erro não é um pecado, mas uma parte integrante, um momento importante no processo de aprendizado; ou, para ser mais preciso no processo de criação do conhecimento”(FREIRE, 2014, p.74-75).

Sendo assim, como a criança pode opinar? Dessa forma, a imagem do professor irá inibir a criança de expor o que pensa, deseja etc.

É notória a ausência de um maior aprofundamento nos assuntos que se referem à história. Muitas vezes, principalmente em português e matemática, as atividades já estão prontas numa folha, à professora só faz entregar aos alunos e não há nenhum tipo de explanação do assunto. Não é utilizado nenhum tipo de metodologia diferenciada nas aulas dessa professora, de modo que chame atenção dos alunos, além do livro didático, daí, talvez se explique o desinteresse dos educandos nas aulas.

Nas aulas acontecem várias situações que a professora não dá importância, como o mau comportamento, o tipo de tratamento com relação ao próximo, etc. com isso trabalhar cada tema que acontece em sala de aula, ou até nos outros ambientes da escola é significativo e desafiador para a professora.

É inquietante notar que a professora não percebe o que os alunos conversam, visto que, muitas vezes, o que esses alunos conversam a professora está presente na sala, podendo assim trabalhar assuntos trazidos através desses alunos, combatendo o preconceito sobre o que os alunos não têm tanto conhecimento.

A professora apenas reclamava com os alunos, ameaçava de deixá-los sem recreio, mas quando tocava o sinal, eles eram os primeiros a correr para fora da sala, ou seja, eles já sabiam que a professora só ameaça e não fazia nada, não cumpria com o que dizia.

A professora manda os alunos pegarem seus respectivos livros de História e abrir na página 14 para dar continuidade ao assunto. Ela relembra o assunto estudado anteriormente que era sobre as Navegações e que fizeram um trabalho sobre a bússola. Ela manda que cada aluno leia um parágrafo. Observei que um dos alunos que fez a leitura não lê correto, é uma leitura corrida, sem pontuação e soletra algumas palavras. Quando termina a leitura da primeira parte, a professora relê para que os alunos entendam melhor e em seguida faz a leitura da página seguinte do livro didático.

Ela questiona os alunos a forma como eram realizadas as viagens marítimas e o cotidiano das mulheres dos navegantes, mas foi de uma forma meio insegura, pois só se centrou nas informações lidas do livro. Em seguida passou umas perguntas sobre a leitura, mas foi mera reprodução do livro: O que é timoneiro? O que é leme? O que é naufrágio? Quando os alunos iam até a professora mostrar se estava certo, se eles escreviam diferentes, ela dizia que tinha que ser do jeito que estava no livro. Machado (2008) diz que:

“O professor pensa que o aluno aprendeu quando responde exatamente as questões que partem do conteúdo transmitido. A repetição que o aluno faz do conteúdo ensinado pelo professor leva-nos a acreditar que o aluno aprendeu e que conseqüentemente ele é inteligente” (MACHADO, 2008, p.71).

A educadora não deve apenas se centrar nas respostas prontas do livro didático, dessa forma não estará tornando o aluno um sujeito crítico, criador de sua própria opinião.

Ao terminar a atividade a professora entrega uma folha com outra atividade já pronta, onde os alunos iam fazer uma leitura do texto e responder, em seguida, as questões, já

adentrando em outra disciplina. Dessa forma, será que os alunos conseguem compreender os assuntos?

Quando perguntado: Que outros recursos, além do livro didático, você utiliza em sala de aula para trabalhar com a temática do livro didático? Ela responde da seguinte forma: “Através de, a gente utiliza jogos, utiliza sala de aula de leitura para eles fazer leitura, então, através de desenhos, de textos, enfim” (Professora). As aulas que foram observadas não aconteceram da forma dita pela professora? Será que ela usava mesmo outros meios em sala de aula? Os meios utilizados em sala de aula pela professora realmente surtem algum efeito?

O que você acha do livro didático? Ela diz que: “Assim, achamos o seguinte, que ele é bem mais, como se diz o seguinte, tem mais certas atividades, é bem melhor pra o aluno entender e compreender, né? Acho ele muito, assim pra o nível dos alunos dessa turma, muito avançado” (professora). Diante do que a professora nos diz, o livro é avançado para turma, mas nos perguntamos, será que ele não é avançado para professora? O livro questiona, problematiza, desafia a professora a pesquisar e buscar informações para desenvolver uma reflexão com a turma, não seria essa a dificuldade da professora?

Sente dificuldade em trabalhar o livro didático? “Com certeza, né? Por essa questão (refere-se a anterior)” (professora). Como pode um professor ter dificuldade de trabalhar um material que apresenta os assuntos que devem ser trabalhados naquela turma e que dá indícios para o professor buscar outras fontes de conhecimento?

5.2 Identidade Negra no Cotidiano Escolar

As entrevistas realizadas com a professora e os alunos nos deram alguns pontos a serem discutidos, e um deles foi à identidade negra, haja vista que muitos ainda não compreendem ou não conhecem o que é ser negro. A identidade negra tornou-se um dos destaques, pois nota-se a falta de conhecimento sobre o que é ser negro nos dias atuais, haja vista que o nosso país apresenta diversos povos, tornando assim, miscigenado. Para isso é necessário compreender o que é identidade, que é a forma como nos enxergamos e vemos os outros com base nas características físicas, ou seja, é uma visão que temos de si mesmo e dos outros, como o modo de falar, o lugar em que vivemos os valores, as culturas. Essa identidade é construída ao longo da história do sujeito nas relações que ele estabelece com o outro. Segundo Melo (2012), a identidade é relacional, se dá num processo de trocas, intercâmbios, não é fixa, vai se modificando ao longo da história dependendo dos contextos em que se está

inserido. E o processo de construção da identidade negra é muito complexo, exige uma negociação permanente (MUNANGA apud MELO, 2012)

Ser negro no Brasil é uma questão de identidade, pois não entra em jogo o estereótipo/estético, mas sim a sua descendência, a sua origem. A ideia de negação da “raça” negra está no nosso cotidiano, de modo que o próprio negro não se reconhece como sendo um deles. Por isso é preciso trabalhar o reconhecimento e valorização do povo negro, ser negro é uma decisão política, como apresenta as Diretrizes Curriculares Nacionais (BRASIL, 2004).

Ao questionar aos alunos sobre “o que é ter cabelo ruim?” quase todos não souberam explicar o real significado, outros disseram que é uma pessoa que tem cabelo crespo, encaracolado, “pixaim”. Uma aluna respondeu: “Eu acho que as pessoas não cuidam bem dele. Não tem condições”, outra disse que era “Cabelo duro, maltratado”, outras três pessoas não quiseram responder, apenas balançou a cabeça mostrando-nos que não ia responder. Isso nos mostra que ainda precisa ser trabalhado na escola sobre os diferentes estereótipos, sem inferiorizar ninguém, sem excluir ninguém, é necessário ser trabalhado também que o bonito é ser diferente, com cabelo crespo ou não, e que não devemos nos envergonhar disso. Muitos ainda têm essa ideia de que o bonito é aquilo que vem do branco, como o cabelo liso, a pele clara.

Como afirma Gomes (2003), “construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito, é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros” (GOMES, 2003, p.171). A autora nos atesta que o negro não é bem visto pela sociedade, onde está o que predomina é a ideia do branqueamento. Diante disso, muitos se negam a assumir sua negritude com medo de ser rejeitado, denominando-se como pardo, moreno. Mas a denominação “pardo” é criada no período da escravidão, quando era dado a carta de alforria, passando a ser chamado assim, aqueles que conseguiam “liberdade”. Ainda recorrendo a Gomes (2003), ela nos diz que:

No processo de construção da identidade, o corpo pode ser considerado como um suporte da identidade negra e o cabelo crespo como um forte ícone identitário. Será que, ao pensarmos a relação entre escola, cultura, relações raciais e de gênero nos processos de formação de professores, levamos em conta a radicalidade dessas questões? (GOMES, 2003, p.173).

A escola precisa trabalhar a identidade desde sempre, pois desde as crianças menores vemos formas de rejeição com o outro, seja por ser negro, seja pela textura do cabelo, etc. A identidade é construída através da cultura, das relações raciais.

Foi questionado para os alunos “como você se auto identifica em relação a sua cor?”, um aluno se declarou “negro”, dois responderam “pardos” e dois não souberam ou não quiseram responder. Ou seja, nem todo mundo se declara sendo negro, mesmo tendo a cor negra visível. Por que se negar tanto, em relação à cor?

Outra questão realizada com os discentes foi: “Você tem amigos negros?”, quatro alunos responderam que sim, só um aluno disse que não. Nota-se que é mais fácil identificar no outro, o determinado tipo de raça, mesmo havendo um aluno com resposta negativa, haja vista que esses que tem amigos negros são também negros.

Ao perguntar a professora se já viu alguma situação de racismo em sala de aula? Ela simplesmente respondeu que não. Isso pareceu estranho, pois uma professora com mais de vinte anos de carreira, em sua prática pedagógica nunca percebeu nenhuma ação discriminatória? Será que ela não tem conhecimento do que vem a ser racismo, discriminação, preconceito? E os alunos que não perceberam nenhuma ação dessa natureza, será que nunca ouviram sobre essa temática?

Já quando perguntado aos alunos “Alguma vez na sala de aula você já foi vítima de racismo ou percebeu algum preconceito racial com alguém na sala de aula?” quatro alunos responderam “não” e uma aluna respondeu “sim, um menino chamou o outro de negro, não servia pra nada. Foi no 3º ano, ele não estuda mais aqui.” Dessa forma, percebemos o quanto o preconceito está presente no nosso dia-a-dia, muitos de nós, somos vítimas do preconceito e muitos não percebem esse tipo de prática. Muitas vezes acontece diante de nosso olhar, mas não enxergamos. De acordo com as Diretrizes (2004), é importante que:

Combate ao racismo, trabalhar pelo fim da desigualdade social e racial, empreender reeducação das relações étnico-raciais não são tarefas exclusivas da escola. As formas de discriminação de qualquer natureza não têm o seu nascedouro na escola, porém o racismo, as desigualdades correntes na sociedade perpassam por ali (BRASIL, 2004, p. 14).

Dessa maneira, a escola é um ambiente em que vários sujeitos se fazem presentes e, é nela que deve ser combatido toda forma de discriminação, de preconceito com o outro.

Quando perguntado aos discentes “Na sala de aula vocês conversam, debatem sobre a história, cultura e a raça negra?” dois alunos responderam “não” e três responderam “Sim”. Porém não houve nenhuma justificativa a mais. Mas, durante as observações notou-se que não há esse diálogo, ficando a desejar. Ainda recorrendo a Diretrizes, “cabe as escolas incluir no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições

histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia” (BRASIL, 2004, p.17).

Outra pergunta para as alunas foi sobre “Que trabalhos são realizados na sala de aula sobre a história e cultura afro-brasileira e africana?” Quatro alunas responderam que sim através de textos e perguntas e uma disse que não lembrava. Dessa forma, percebemos o nível de compreensão dos alunos com relação aos conteúdos sobre o negro. Quais conteúdos foram estudados pelos alunos? Qual conhecimento os alunos conseguiram adquirir com base nas aulas da professora?

Quando perguntado a professora “Você tem trabalhado os conteúdos da questão étnico racial em sala de aula? Quais? Como é trabalhado?” Ela respondeu “tenho. De certa forma, sim. Porque a gente fala sobre o tema e faz algumas atividades.” Diante das observações não foi notado nenhuma forma de trabalho como a professora diz a partir da entrevista. Será que foi suficiente para que os alunos compreendessem os assuntos?

Quando perguntado aos alunos “você já teve orientações e reflexões na sala de aula sobre o preconceito racial?” Três responderam que e duas disseram que não.

Outra questão foi, “Na sua família vocês conversam sobre preconceito racial? Uma aluna respondeu “de vez enquanto”, dois disseram “não, um “às vezes” e outro disse “nada”. Essa é uma temática que precisaria de um trabalho conjunto entre família e escola. Será que a escola trabalha junto com a família nas discussões sobre determinadas temáticas? A família participa ativamente da escola?

A professora responde que não participou de cursos de capacitação referente a temática afro-brasileira, que não conhece a lei 10.639/03. Assim, fica difícil desenvolver algum trabalho significativo sobre essa temática.

Durante uma atividade, uma cena me chamou a atenção: três meninas conversavam entre si, e passei a observar o que elas conversavam, percebi que elas falavam sobre cabelo, eu olhava discretamente, para que não percebessem, escutei que o motivo da conversa era por causa de uma dela ter cabelo “ruim”. Essa aluna conseguia fazer uma trança de uma parte do cabelo ao qual essa trança ficava bem fininha e pequena e, uma disse que era fofo na parte superior da cabeça, e essa menina que era o motivo da conversa, só ficava olhando para as outras, mas vi que ela não levou a mal. A questão do cabelo crespo, principalmente para as mulheres, é uma marca de identidade negra (GOMES, 2003). Diante de uma sociedade considerada racista, é difícil se assumir quanto a sua negritude.

Essa seria uma boa oportunidade da professora trabalhar sobre uma das temáticas que faz parte do ensino de história, a questão da identidade. A professora poderia mostrar,

valorizando o cabelo da aluna, mostrando o quanto é bonito, assim como quebrar qualquer tipo de preconceito existente na mente das demais crianças. A professora poderia utilizar como um meio mais atrativo, livros paradidáticos em sala de aula, livros estes que podem ajudar a refletir sobre determinado problema, ou assunto apresentado no dia-a-dia da sala, ou dentro da própria instituição, como é indicado no pelo livro didático adotado na escola.

A identidade negra está bastante marcada pela questão do estereótipo. Pois para ser negro é necessário assumir seu cabelo crespo, sua cor de pele e não só as origens do seu povo, dos descendentes. O cabelo é um dos marcos da negritude, pois é considerada uma forte marca para o negro. Embora, muitas vezes, a escola não valorize o diferente, a cultura do outro. Como afirma Gomes (2003, p.173) “A escola não aparece entre os espaços de revalorização da estética, do corpo negro e do cabelo crespo.” O ambiente escolar é um dos mais diversos em relação às diferentes culturas, pois é onde vemos diversas etnias, diversas religiões, etc.

Ainda recorrendo a Gomes (2003)

Apesar das marcas negativas deixadas pelas experiências de discriminação, o negro se reconstrói positivamente. É claro que esse processo não se dá no isolamento e varia de pessoa para pessoa. Existem diferentes espaços e agentes que interferem no processo de rejeição/aceitação/ressignificação do ser negro (GOMES, 2003, p.178).

Diante de todas as formas de preconceito em relação ao negro, muitas não silenciam. Muitos espaços de valorização da identidade negra, como o meio familiar é de relevante importância para o negro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, percebo o quanto foi importante e de grande valia estudar os conteúdos presentes no livro didático de história e observar a prática do docente e dos discentes no tocante à temática da questão negra tal como do ensino de história. A pesquisa nos/dos/com os cotidianos nos ajudou no nosso processo de formação profissional, pois deu oportunidade de compreender e estudar os problemas existentes no ambiente escolar.

Passei a admirar a disciplina de história, percebendo sua importância para meu conhecimento. Comecei a compreender o que é história e quem são os sujeitos da história. Essa história não fica morta no passado, ela é criada diariamente. A cada dia estamos aprendendo coisas novas e ensinando para as gerações futuras.

O livro didático da coleção Aprender Juntos, apresenta alguns conteúdos sobre o negro de forma que o aluno questione imagens, textos, permitindo assim uma maior reflexão. O docente deve criar as condições para que seus alunos desenvolvam o senso crítico. Para tanto, é necessário que o educador, quando estiver diante de qualquer material didático, analise se as informações são adequadas e importantes ao alunado. Nesse sentido, o professor precisa ter formação para mediar às discussões e reflexões para que haja uma compreensão melhor no processo de aprendizagem. Sabemos que o livro, muitas das vezes, é o único recurso utilizado nas aulas, mas é preciso observar como estão sendo trabalhados seus conteúdos.

A história é uma disciplina fundamental para nos entendermos como seres humanos. Daí a relevância de estudar e pesquisar dentro da área, descobrindo caminhos para uma melhor prática a fim de entender os contextos que nos cercam, seja no ambiente escolar, na nossa vida pessoal ou na sociedade.

Através da análise das observações das aulas, podemos identificar algumas peculiaridades presentes em vários encontros. A utilização do livro didático e o apego ao mesmo foi uma característica marcante das técnicas utilizadas pela educadora em sala de aula. Durante a observação, constatamos que a educadora é um exemplo de aplicação de teorias tradicionais, pois utilizava o livro didático de uma forma não-crítica, ou seja, sem a análise e interpretações das informações contidas.

A temática africana e afro-brasileira deve ser sempre trabalhada em sala de aula, pois, em muitos contextos escolares, o negro é tido como vítima. É importante reconhecer e valorizar o negro na nossa sociedade, e tratar da história de resistência a favor de sua

liberdade e isso, muitas vezes, não é mostrado nos livros didáticos. Com a criação da lei 10.639/2003 é obrigatório o ensino da história e cultura para valorização do povo negro.

A simples transmissão de um conhecimento pronto reflete um grave problema das escolas e educadores que se utilizam de aulas expositivas sem a efetiva participação dos educandos. Verificou-se a falta de sensibilidade da educadora, no sentido de mostrar aos educandos que a história é real e não está meramente escrita em livro didático. Constitui-se, todavia, em um conjunto de fontes, documentos e experiências que proporcionam a construção do passado e do presente. Os educadores devem romper com os paradigmas de uma ação pedagógica tradicional. Apesar de uma conjuntura de dificuldades (financeiras, infraestruturas, de formação, etc.) que envolve os profissionais da educação. Estes não devem reproduzir atitudes ultrapassadas. A busca de novas propostas dos conteúdos, novas abordagens, novas fontes de pesquisa e ações pedagógicas problematizadoras, devem ser constantes na prática docente.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de; FRAGA FILHO, Walter. **Uma História do no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In. OLIVEIRA, I. B. de; ALVES, N. **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p.15-38.

ARAÚJO, Maria José de Azevedo. **Do Professor Tradicional Ao Educador Atual: Desempenho, Compromisso E Qualificação**. 2009 Disponível em:<<http://www.webartigos.com/artigos/do-professor-tradicional-ao-educador-atual-desempenho-compromisso-e-qualificacao/23184/#ixzz3gAtHMLII>>. Acessado em 17/07/2015, às 15:27 h.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília-DF. Outubro, 2004.

_____. Ministério da Educação. Secretaria da educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. 3. ed. Brasília, 2001.

FERRAREZI Jr, Celso. **Pedagogia do Silenciamento: A Escola Brasileira e o Ensino de Língua Materna**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FONSECA, André Azevedo de. **Professores democráticos devem encorajar a crítica aos alunos**. Disponível em:<<http://www.geledes.org.br/professores-democraticos-devem-encorajar-a-critica-dos-alunos/#gs.0b7a24a18bfc49e7a7e2da02632419d9>>Acessado em: 17/09/2015.

FUNARI, Raquel dos Santos; LUNGOV, Mônica. **Aprender Juntos História**. 3 ed. São Paulo: Edições SM, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa**. 49º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

MACHADO, João Luís de Almeida. **Travessia Infernal**. 2004. Disponível em <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=190>> Acessado em 04/07/2015.

MACHADO, Rosângela. Educação Inclusiva: Revisar e Refazer a Cultura Escolar. In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **O Desafio das Diferenças nas Escolas**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

MEIRA, José Normando Gonçalves. **Os Objetivos do Ensino de História**. 2010. Disponível em <http://oprincipiodosaber.blogspot.com.br/2011/10>, Acessado em 01/10/2015 às 10:07h.

MELO, Margareth Maria de. Gerando eus, tecendo redes e trançando nós: ditos e não ditos das professoras e estudantes negras nos cotidianos do curso de pedagogia. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2012.

MORETTI, Francielie. **O Ensino de História e a Formação Crítica do Indivíduo**. Disponível em <<http://e.historiaoffline.com/ensino-de-historia/o-ensino-de-historia-e-a-formacao-critica-do-individuo>> Acessado em 15/07/2015.

NIKITIUK, Sônia Maria Leite. Ensino de História: algumas reflexões sobre a apropriação do saber. In: _____. Repensando o ensino de História. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

NUNES, Silva do Carmo. **Concepções de Mundo No Ensino De Da História**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

PEIXOTO, Tatiana da Cunha; MARRA, Walkyr Gomes. **Ensino de História:** entre a renovação e a tradição.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil.** 20° ed. São Paulo: Contexto, 2009.

RIBEIRO, Jonatas Roque. **História e ensino de história:** perspectivas e abordagens. 2013.

Disponível em :

<http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/educacao_foco/artigos/ano2013/setembro/ensino_historia.pdf> Acessado em: 20/08/2015

SILVA, Marcos Antônio da; FONSECA, Selva Guimarães. **Ensino de História hoje:** errâncias, conquistas e perdas. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882010000200002>

Acessado em: 15/07/2015.

SILVA, Hayana Crislayne Benevides da. **A Imagem do Negro Frente ao Livro Didático de História:** Uma Análise Da Coleção Aprender Juntos. 2014.

SOUZA, Maiko Cesar Menassa. **Superando o Ensino Tradicional de História.** Disponível em:<<http://pt.slideshare.net/Maiko10/superando-o-ensino-tradicional-de-historia>>Acessado em: 16/07/2016.

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo.** Petrópolis-RJ: Editora Vozes,1992.

APÊNDICES

I.FORMULÁRIO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA

- 1- Formação:
- 2- Estado civil:
- 3- Mora no bairro:
- 4- Como você se auto identifica em relação a sua cor?
()Branco ()Preta ()Amarelo
()Pardo ()Indígena
- 5- Defina racismo. Você se considera racista? Por quê?
- 6- Já viu alguma situação de racismo em sala de aula? Como foi? O que você fez?
- 7- Há quanto tempo exerce a função de professor?
- 8- Você já participou de cursos de capacitação referente a temática afro-brasileira?
- 9- Você conhece a lei 10.639/03? Como você trabalha essa lei?
- 10- Como se deu a escolha do livro didático de história adotado na turma do 4º ano?
- 11- Você tem trabalhado os conteúdos da questão étnico racial em sala de aula? Quais?
Como é trabalhado?
- 12- Você percebe alguma prática discriminatória em sala de aula?
- 13- O que acha do comportamento dos alunos?
- 14- Que outros recursos, além do livro didático, você utiliza em sala de aula para trabalhar com a temática do livro didático?
- 15- O que acha do livro didático?
- 16- Sente dificuldade em trabalhar o livro didático?
- 17- Como você vê as aulas de capoeira na escola?

II. FORMULÁRIO DE ENTREVISTA COM ALUNO

Aluno _____

Série: _____ Idade: _____ sexo _____

1. Como você se auto identifica em relação a sua cor?
() Branco () Pardo () Negro () Indígena () Amarelo () Não declarado
2. Você tem amigos negros?
() sim () não
3. Qual a importância dessa amizade para você?
4. Na sala de aula vocês conversam, debatem sobre a história, cultura e a raça negra?
() sim () não
5. Como você avalia as imagens do negro no livro didático?
6. Que trabalhos são realizados na sala de aula sobre a história e cultura afro-brasileira e africana?
7. Alguma vez na sala de aula você já foi vítima de racismo ou percebeu algum preconceito racial com alguém na sala de aula? Se sim, responda a próxima questão.
8. Como você justifica o acontecimento de tais práticas?
9. Você já teve orientações e reflexões na sala de aula sobre o preconceito racial?
10. Na sua família vocês conversam sobre preconceito racial?
11. Que ideia você tem de cabelo ruim?

ANEXOS

Corredores da escola



Sala de aula



Atividades realizadas pelos alunos (expostas na parede)

